

OPERAÇÕES NO AMPLO ESPECTRO: NOVO PARADIGMA DO ESPAÇO DE BATALHA

General de Divisão Mario Lucio Alves de Araujo

O General Araujo é o Chefe do Centro de Doutrina do Exército e 3º Subchefe do Estado-Maior do Exército. Ele possui uma extensa experiência na área de ensino militar, tendo sido Instrutor das Escolas de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) e de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). Foi observador das Nações Unidas em Angola e Adido Militar no Uruguai. Ao ser nomeado para o cargo atual, exercia a função de Comandante da EsAO.



“Em todas as circunstâncias, a Guerra deve ser considerada não como algo independente, mas como um instrumento político. O primeiro ato que o estadista ou general deve tomar é compreender, corretamente neste sentido, a Guerra na qual vai entrar, não tomá-la por algo ou pretender fazer dela algo que, devido à natureza das suas relações, ela não pode ser.”

Clausewitz

Desde o fim da 2ª Guerra Mundial, sucedida pelo longo período que ficou conhecido como Guerra Fria, as formas de enfrentar ameaças contra os interesses nacionais têm variado bastante. Exércitos experimentados em combate têm aprendido com os próprios reveses que as sociedades mudaram e, com ela, também mudou a forma de combater. A propalada “Era do Conhecimento”, consequência da explosão tecnológica que se experimenta com rapidez cada vez maior, substituindo a “Era Industrial”, não tem pedido licença para transformar a sociedade. E mudando esta, surgem novas formas de fazer política e de conduzir a guerra.

As mudanças vêm alterando gradativamente as relações de poder, provocando instabilidades e incertezas, gerando o aparecimento de conflitos locais e regionais, envolvendo a inserção de novos atores no contexto dos conflitos, inclusive não estatais. Essa evolução no ambiente operacional tem trazido significativa transformação no modo de operar das forças militares, particularmente as terrestres, potencializada pela facilidade de acesso às novas tecnologias, em escala global, pela socialização da Internet, pelo surgimento das redes sociais e atuação da mídia, o que tem contribuído para a permanência da população em áreas conflagradas.



Um HM-2 "Black Hawk", do 4º BAvEx.

Apesar dos novos ingredientes, esses conflitos permanecem marcados pelo emprego da violência. Por outro lado, a participação do vetor militar ficou mais complexa, por ocorrer em ambientes com a presença da população civil, concentrada em núcleos urbanos, o que reduz a possibilidade de identificar o oponente, demandando novas capacidades de combate para evitar que a ocorrência de efeito colateral seja explorada pelo oponente contra nós.

Assim, a Doutrina militar é diretamente influenciada por essa avalanche de transformações, já facilmente perceptíveis pelos meios colocados à disposição do soldado do presente. É preciso, pois, ter coragem de abandonar antigos paradigmas que formataram a maneira de pensar o combate nas últimas décadas, sem perder a essência do vetor militar como instrumento de defesa dos interesses nacionais vitais, mas dispendo de novas formas de combater que sejam coerentes com o **campo de batalha do século XXI**.

Surgem, nesse contexto, diversas concepções doutrinárias a orientar a preparação de forças militares para enfrentar os novos desafios, que, dentre outros aspectos, minimizam o planejamento linear e a centralização, mas enfatizam suposições sobre incertezas, descentralização e um espectro de conflitos¹. Na medida em que os conflitos interestatais ficam cada vez mais raros, o ambiente híbrido de ameaças ganha maior importância pelos estudiosos da guerra. São definidos conceitos adaptados a essa realidade, nos quais o uso da força assume novas configurações, descritos como Guerra de 4ª Geração; Guerra Híbrida, Guerra Assimétrica ou Guerra Irrestrita, dentre outras.

A arte da guerra se depara com ameaças que geram novos desafios e complexidades nos atuais cenários, tais como: terrorismo; armas de destruição em massa – com ações lideradas por quem já as dispõem, para controlar a sua proliferação por "razões humanitárias",

legítimas ou não, – missões de imposição da paz, manutenção da paz, controle de contingentes populacionais ou de recursos escassos, seja de energia, água ou alimentos (sob a égide de organismos internacionais). Dessa forma, as forças a serem empregadas nesses ambientes devem estar aptas à condução de operações simultâneas ou sucessivas, combinando atitudes ofensiva, defensiva, de pacificação, de Garantia da Lei e da Ordem, de apoio às instituições governamentais e internacionais, de assistência humanitária, em ambiente interagências.

Diante desse rompimento com as certezas de outrora, a forma de combater deve ser ajustada ao atual "Espaço de Batalha"², agora sem frentes, com inimigo distinto, que exige do vetor militar novas competências e estruturas mais flexíveis, adaptáveis, elásticas e modulares. Em outras palavras, a Força Terrestre deve estar apta a operar em toda gama dos conflitos modernos, ou seja, realizar Operações no Amplo Espectro.

AS DUAS GRANDES GUERRAS

Em que pese à acentuada diferença do desenvolvimento tecnológico entre as duas grandes guerras do século XX, que para muitos trataram-se de um único e prolongado conflito, interrompido por um armistício de cerca de duas décadas – há duas semelhanças marcantes no que tange aos campos de batalha utilizados: ter se dado entre Estados constituídos, buscando ampliar os seus espaços de influência, organizados em blocos, com a participação ou reflexos para todos os países do globo. Em segundo lugar, via de regra, as frentes dos campos de batalha eram bem definidas por linhas de contato, normalmente apoiadas sobre obstáculos naturais para facilitar a tomada do dispositivo de defesa, em cuja retaguarda as forças oponentes se desdobravam em profundidade, com seus elementos de manobra à frente, seguidos de elementos de apoio ao combate e apoio logístico.

As ações à retaguarda dessas frentes de combate eram patrocinadas pelas forças aéreas e por elementos que eram infiltrados, notadamente descaracterizados, a fim de degradar o poder de combate dos beligerantes em confronto, afetando a sua capacidade de durar na ação.

Os núcleos urbanos, sempre que possível, eram desbordados ou conquistados por constituírem-se importantes nós rodoferroviários, cuja conquista viabilizava as operações futuras e permitia alcançar vitórias na esfera política, dependendo da importância sócio-política e econômica da localidade. Era normal que a maioria da população abandonasse as áreas edificadas, submetidas a fortes bombardeios e combates prolongados, na busca pela preservação da vida. Os confrontos assim se davam prevalentemente em ambiente rural ou no meio urbano desabitado.

A GUERRA FRIA E A MUDANÇA DA SOCIEDADE

Nos estertores da 2ª Grande Guerra, já com o domínio do artefato nuclear por um dos lados, o mundo se encontrava dividido em dois blocos, marcados por ideologias, que iriam influenciar todos os cantos do globo terrestre no pós-guerra. Essa relação de poder bipolar, conhecida como Guerra Fria – caracterizada pela “mútua destruição assegurada” com a utilização de mísseis intercontinentais carregados de ogivas nucleares, – perdurou no tempo e trouxe considerável reflexo à doutrina militar, pois cada lado buscava convencer o outro de sua capacidade de travar uma guerra total, por meio da dissuasão nuclear, sem desprezar as estruturas convencionais. Tudo coerente com o paradigma da guerra industrial entre Estados. Nesse modelo, as forças continuaram a ser medidas pelos efetivos, número de carros de combate e bocas de canhão, dentro do conceito de forças convencionais, com base na doutrina alcançada na guerra de 45, com algumas variações, em função da modernização dos meios correspondentes aos avanços tecnológicos do pós-guerra.

Em que pese à ameaça nuclear no contexto da Guerra Fria, os conflitos militares aconteciam em países periféricos, notadamente na África, Ásia e América Latina, sustentados pelas duas correntes, em um ambiente de guerra convencional e,

na maioria deles, de guerras irregulares e insurrecionais, em terrenos bem distintos para os quais as tropas estavam preparadas, gerando a necessidade de acentuadas adaptações na forma de combater, frequentemente com o sacrifício de muitas vidas e perdas materiais. Como alternativa de combate, um dos oponentes deixava de apresentar resistência, e buscava na população o seu sustento e proteção. No Vietnã, a despeito das vitórias militares alcançadas em quase todos os confrontos no teatro de operações, o exército mais poderoso do mundo submeteu-se à mais fragorosa derrota no nível político da guerra, dentro do próprio território norte americano. Acentuaram-se, assim, novas configurações na relação de forças, na qual a opinião pública passou a desempenhar um papel de maior protagonismo

na solução dos conflitos. A vitória estava nos corações e mentes da população.

À época da Guerra do Vietnã (ou mesmo antes), o ocidente experimentou uma verdadeira revolução na cultura, hábitos e costumes, mudando a família, a sociedade e as relações políticas, sob forte influência de movimentos culturais deflagrados nos Estados Unidos da

“Acentuaram-se novas configurações na relação de forças, na qual a opinião pública passou a desempenhar um papel de maior protagonismo na solução dos conflitos”.

América (EUA) e na Europa. Tais transformações nas sociedades pós-industriais³ têm trazido vertiginosas mudanças na maneira pela qual essas sociedades passaram a discutir os orçamentos, infraestruturas, instituições militares e a mobilização de recursos humanos e materiais para a guerra. Assim, países mais desenvolvidos experimentaram um movimento pacifista que transformaria a forma de fazer política, com reflexos para a solução dos conflitos entre os povos. Desde então, somados às mudanças ocorridas nas últimas décadas, com o esmaecimento da Guerra Fria, a implosão da União Soviética e a construção da União Europeia, os assuntos militares tiveram uma acentuada perda de interesse junto às sociedades ocidentais e, paulatinamente, vêm perdendo a importância na agenda política do mundo ocidental.

O NOVO PARADIGMA DO “ESPAÇO DE BATALHA”

Apesar de todas as correntes do pensamento militar atuais defenderem a ideia de que vivemos na era da incerteza, essa perspectiva fornece apenas um indício do problema, deixando de responder à desafiadora questão: como preparar forças para combater em um ambiente de tamanha mudança e de incerteza, que nos mostra cada dia que a verdade de ontem tem hoje outros tons?

Mesmo assim, pode-se, nos dias de hoje, delinear no campo de batalha contemporâneo algumas características que tendem a se repetir. Ressalta-se, nos atuais conflitos, a nítida presença de novos atores, eleitos pela sociedade contemporânea: a mídia instantânea no campo de batalha, influenciando de forma prevalente as decisões políticas; o achatamento dos níveis decisórios, colocando mais próximo o político do tático; a capacidade tecnológica, que não apenas evolui, mas “explode” a cada ano, influenciando diretamente no poder de combate; a baixa aceitação junto à opinião pública, nacional ou internacional, das soluções das diferenças entre os povos pela mão militar; a exacerbação pela defesa de minorias transnacionais; a influência de Organizações Não Governamentais nos conflitos; a dificuldade de definir linhas de contato entre os beligerantes; o desafio de caracterizar o inimigo

no seio da população; a utilização da informação como arma, influenciando no poder de combate; a tendência de os confrontos se prolongarem ao longo do tempo; a consciência de que as forças militares não solucionam as causas da guerra; a relevância do papel da população no destino dos conflitos; a prevalência dos combates urbanos com a presença de civis, contra civis e em defesa de civis.

Assim, vivemos em um mundo pós-guerra fria, sob a égide dos novos paradigmas impostos pelo acesso globalizado às informações, onde um número cada vez maior de pessoas recebe, em tempo real, uma imensidão de dados por meio das novas mídias e redes sociais – dentre outras tecnologias –, gerando mudanças nas sociedades mais abertas. O pensamento militar, como parte das sociedades, não tem ficado alheio a essas transformações.

Contudo, quando se trata de pensar o combate contemporâneo, não é tarefa fácil livrar-se de antigos dogmas, construídos ao longo da história da própria guerra. Também não há como não destacar algumas das principais transformações que nos saltam aos olhos:

- **exigência de lideranças com capacidade de percepção** das mudanças da sociedade e dos reflexos dessas mudanças sobre o emprego das forças militares nesse novo ambiente de combate;



Militares da 9ª Bda Inf Mtz em patrulha no Complexo da Penha, na cidade do Rio de Janeiro.

• **os conflitos bélicos entre Estados não desapareceram, mas têm sido cada vez mais raros.** As novas ameaças aos Estados apresentam-se dentro dos próprios Estados, envolvendo atores não estatais, organizados em grupos rebeldes ou insurgentes, contando ou não com o apoio político e material internacional;

• aliada à baixa prioridade da Defesa na agenda política, **a alternativa bélica como solução dos conflitos tem sido evitada ao máximo.** Apesar de os conflitos de interesse entre os Estados persistirem ao longo do tempo, outros instrumentos têm sido mais utilizados com maior frequência;

• o nível político tem encontrado crescentes **dificuldades em formular objetivos políticos** para a guerra. Uma vez definidos, esses objetivos políticos são constantemente ajustados durante as operações, acompanhando a realidade e a opinião pública interna e internacional. Nesse contexto, as forças militares, dentro do interesse de cada Estado, têm sido comumente empregadas em missões tais como: operações de paz, ações humanitárias e controle de contingentes populacionais ou de recursos escassos;

• **os conflitos passam a ser intemporais,** pela ausência de batalhas decisivas no nível operacional, diferentemente do passado, quando o inimigo estava relativamente concentrado para combater e se buscava a destruição da maioria de seus meios. Rompeu-se a lógica da Guerra Industrial e foi reforçado o sentimento da incapacidade de o vetor militar, por si só, concluir o conflito e restabelecer a paz. A dinâmica das guerras do século XX obedecia geralmente à lógica: paz-conflito-guerra-resolução⁴. Na atualidade os Estados que decidem pela guerra têm experimentado uma nova dinâmica: confrontos prolongados-conflitos pontuais, com os indesejáveis reflexos sobre os orçamentos estatais e vidas humanas;

• **a tendência, cada vez maior, de os conflitos se darem em ambientes urbanos** ou no seu entorno com a presença da população, trazendo significativos reflexos na organização e

composição dos meios para o combate, quanto à sua natureza e o armamento. A letalidade inteligente ou seletiva das armas ganha importância capital, visando a evitar os indesejáveis efeitos colaterais aos objetivos estratégicos;

• **o surgimento de novos instrumentos e vetores de combate,** com efetividade decisiva, utilizando a Tecnologia da Informação no ambiente cibernético;

• **as novas condicionantes da mobilização das forças militares** para a guerra, considerando a sociedade, a agenda política pouco dedicada aos assuntos militares, a “crise de identidade” decorrente da discussão sobre a necessidade das forças armadas, a presença de Organizações Não Governamentais (ONG), de agências nacionais e internacionais, do poder político cada vez mais próximo do campo de batalha, dentre outras;

• **a presença da mídia** – com a sua importância na formação da opinião pública, um dos objetivos estratégicos a serem conquistados, permitindo o acesso às Informações em tempo real com capacidade de influenciar as decisões dos chefes militares;

• **o avanço tecnológico experimentado pela sociedade,** o que exige a capacitação do soldado em novas competências, alinhadas às capacidades necessárias ao domínio dessa tecnologia;

• **o emprego desproporcional de forças passou a ser inaceitável.** Além dos custos da campanha, resultado da concentração de numerosos contingentes, o inimigo se apresenta difuso, confundindo-se com a população, com diferentes formas de atuação, podendo se tornar símbolo nas “operações de informação”, que visam a retirar a liberdade de ação dos comandantes no emprego de suas forças militares, quando o oponente se vale da estratégia da provocação e propaganda de pequenos episódios do nível tático. Uma tropa organizada e treinada para a conquista de objetivos táticos e concretos no terreno, muitas vezes não está preparada para entender a dimensão do “espaço de batalha”⁵, onde a guerra é vencida, muito além do campo de batalha. Um

“Os conflitos passam a ser intemporais, pela ausência de batalhas decisivas no nível operacional(...)”

dos objetivos estratégicos é conquistar a vontade da população; e

- **a formulação adequada dos objetivos**, coerente com o ambiente operacional, em que o terreno humano é prevalente, passando as “considerações civis” à condição de fator da decisão preponderante. Diante do novo paradigma, esses objetivos do terreno têm de ser constantemente reavaliados, pois a presença da tropa será muito mais importante na pacificação de uma área conflagrada do que a conquista de objetivos do terreno.

AS OPERAÇÕES NO AMPLO ESPECTRO DOS CONFLITOS

Para atender aos atuais desafios desse novo “Espaço de Manobra”, o General britânico Rupert Smith, em sua obra, *A Utilidade da Força – A Arte da Guerra no Mundo Moderno*, apresenta, como um novo paradigma, em sua “Guerra no Meio do Povo”, as novas funções, tarefas ou missões – **melhorar, conter, dissuadir e destruir** – a serem desempenhadas pelas forças militares, cujos níveis de engajamento da tropa são diferentes e devem ser gradualmente aplicados.

Na missão melhorar, as forças militares são empregadas na ajuda humanitária, na instalação de campos de refugiados, no fornecimento de comunicações, na construção de pontes e nas atividades de construção em apoio à vida civil, na instrução de soldados de outros exércitos ou como observadores. O emprego se dá nesses casos por possuírem algumas competências necessárias e, na condição de estatais, são mantidos por

recursos públicos e capazes de tomarem conta de si próprios.

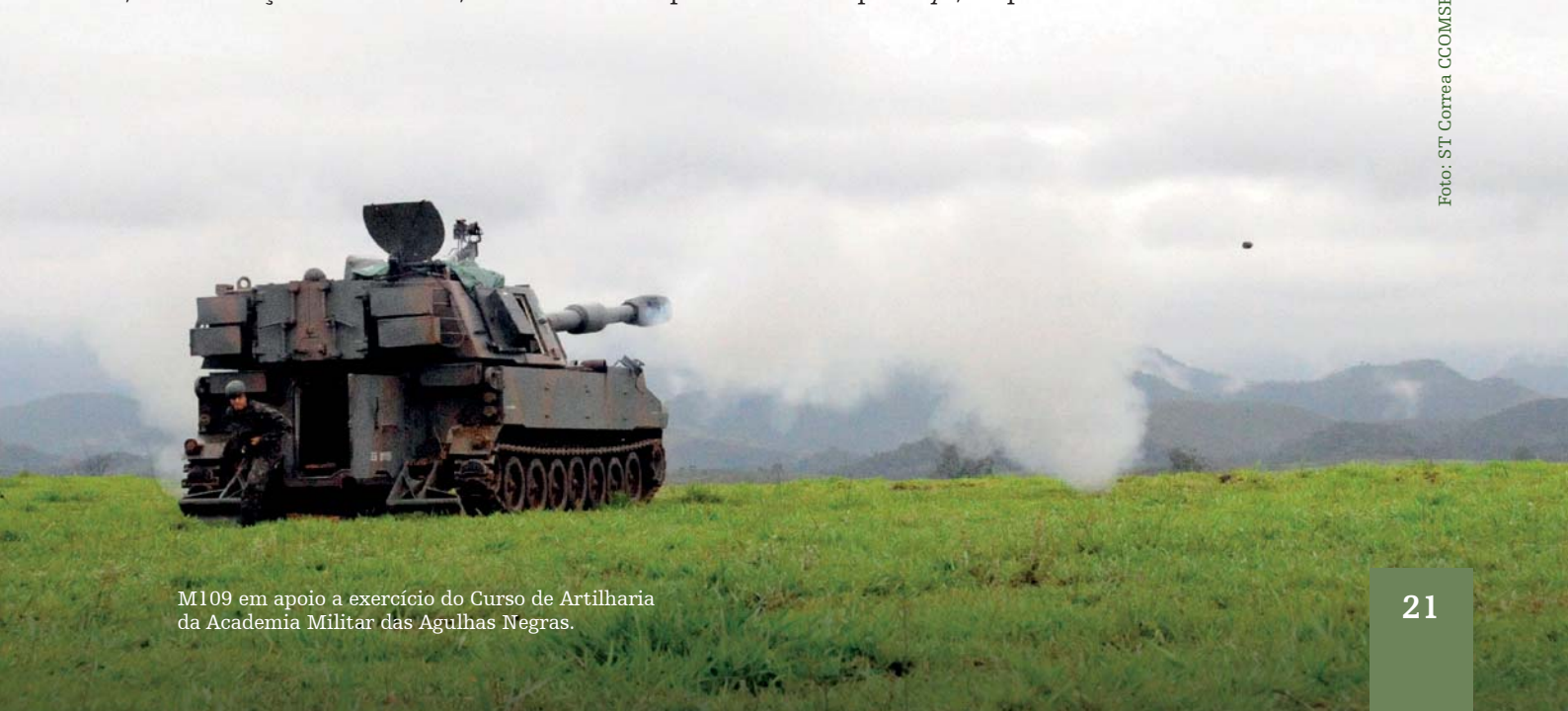
Na função de contenção, são desdobrados para impedir a violação de sanções comerciais ou embargo a fornecimento de armas, ou para estabelecer zonas de exclusão, ou aérea para impedir a utilização de determinados tipos de arma. O controle das forças é realizado por meio de regras de engajamento, definidas especialmente para cada operação.

Na missão de dissuasão ou coerção, o emprego das forças militares é mais amplo, já que se articulam e se desdobram operacionalmente para o combate, mas são controlados de perto pelos níveis políticos por meio de regras de engajamento, definidas especialmente para cada missão.

Na função de destruição, são empregados para atacar e destruir a capacidade inimiga de se opor a concretização dos objetivos políticos. Exemplos recentes: Guerra do Golfo (90-91) e Guerra das Malvinas (82), à semelhança de sua utilização em conflitos industriais clássicos, sendo este o propósito primário das forças militares.

Segundo o mesmo autor, as quatro funções podem ser desenvolvidas em qualquer um dos três níveis de planejamento – estratégico, operacional (de teatro) ou tático – e distintas funções podem ser desenvolvidas em níveis diferentes. Por exemplo, no nível estratégico, pode-se coagir, enquanto no tático pode-se realizar uma operação militar clássica de destruição, com a finalidade de concretizar a ameaça.

Joseph Nye, especialista norte-americano



M109 em apoio a exercício do Curso de Artilharia da Academia Militar das Agulhas Negras.

em assuntos de Defesa, defende, em sua obra “O Futuro do Poder”, metodologia bem similar à de Smith, ao afirmar que “os recursos militares podem ser usados para fisicamente combater e destruir; dar respaldo às ameaças na diplomacia coerciva; prometer proteção, incluindo manutenção da paz; e proporcionar muitas formas de assistência”.

Comparando as duas teses, ressalta-se a preocupação de seus autores em ampliar na atualidade o espectro de aplicação do vetor militar, diferente de modelos anteriores, quando o emprego da tropa somente se justificaria – ou seria nobre para alguns – caso fosse atingido o nível máximo da crise em um estado de beligerância declarado e a ativação da estrutura militar de guerra. Ora, essa é a nova lógica proposta para o amplo espectro, no qual as forças militares podem

Than War”⁶, Operações Militares de Não-Guerra, em tradução livre. Isto é, buscou-se contemplar as suas forças em uma variedade de operações que não exclusivamente a guerra, no seu sentido clássico, orientando o emprego em ações militares nas soluções de conflitos, operações de apoio às autoridades civis em situações de crise, operações de estabilização⁷, de imposição, de implantação ou de manutenção da paz. Tal concepção buscava atender ainda o espectro do conflito em toda a sua plenitude, permitindo que os escalões da Força Terrestre estadunidense pudessem combinar os diferentes tipos de operações simultaneamente. Para cada missão, o Comandante da Força Conjunta ou Comandante da Força Terrestre Componente (FTC) definiria a prioridade e o esforço a ser aplicado em cada área ou o tipo de operação militar, que variam desde as operações ofensivas, defensivas, às de estabilização ou operações de apoio à autoridade civil⁸.

Trazendo para a nossa realidade, observa-se claramente que o Exército Brasileiro, ao longo de sua história, sempre esteve presente como ator importante nas Operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO) e nas Ações Subsidiárias⁹, em apoio aos órgãos governamentais, e na construção da coesão nacional, desde as campanhas pacificadoras do Duque de Caxias até os dias de hoje. Nas duas últimas décadas, tem se destacado na participação em processos de manutenção da paz sob a égide de organismos internacionais, em vários países. Ressalta-se ainda, o traço cultural do combatente brasileiro que o destaca nesse tipo de operação, em razão de seu reconhecido caráter de hospitalidade e generosidade, respaldado pela composição multiétnica de construção da nacionalidade brasileira, da índole absolutamente pacífica como parte da identidade nacional, sobejamente comprovados pela espontânea capacidade de conviver com diferenças étnicas e culturais nos países em é empregado.

Dentro da concepção das Operações no Ample Espectro, constam também, de acordo com os seus conceitos básicos, as operações ofensivas e defensivas¹⁰. O que se busca, nesse novo ambiente, são duas ideias-forças que visam a ampliar a possibilidade de:

1º) condução de operações ofensivas, defensivas, de pacificação e apoio a órgãos



Foto: Arquivos CCOMSEX

Uma coluna de viaturas blindadas M113, do 20º BIB, em Curitiba/PR.

ser empregadas em ações de diferentes níveis de engajamento e dosando a aplicação de forças, quanto à sua natureza ou poder de combate, sem correr o risco de desvirtuar a essência do seu emprego em ações menos nobres ou missões consideradas fora do escopo da Defesa da Pátria.

Como se observa, a missão das forças militares é tema recorrente em todas as nações do mundo. No âmbito dos EUA, o seu Exército, com o propósito de aumentar a capacidade de sua tropa em operar em consonância com esses novos desafios, desenvolveu uma doutrina para as chamadas “MOOTW (*Military Operation Other*



Helicópteros da Aviação do Exército em aproximação para um campo de pouso na região Amazônica. Operações no amplo espectro pressupõem mobilidade das tropas.

governamentais ou autoridades civis, no mesmo espaço físico, de forma simultânea ou sucessiva;

2º) os escalões menores que Força Terrestre Componente combinarem atitudes, isto é, capacitar os Grandes Comandos Operacionais (G Cmdo Op) e as Grandes Unidades (GU) da Força Terrestre ao emprego de seus elementos de manobra na condução operações ofensivas, defensivas, simultaneamente, às de Pacificação, de GLO, no ambiente interno, de ajuda humanitária, etc.

Nesse novo ambiente, as Operações de Amplo Espectro contemplam também a possibilidade de absorver as novas capacidades e exigências do combate contemporâneo, tais como: efetividade no relacionamento com a mídia; operações em ambiente interagências; operações de ajuda humanitária; controle de contingentes populacionais com ou sem apoio de organismos internacionais; condução de operações de informação; operações contra terror; operações de proteção da população em ambiente de DOBN; apoio à população contra desastres naturais; proteção de estruturas estratégicas nacionais e de fontes de recursos escassos.

A condução das Operações no Amplo Espectro implica que o mais alto escalão terrestre em presença planeje a combinação de todas as vertentes envolvidas, definindo prioridades e a composição dos meios a empregar em cada

missão, quanto à sua natureza e valor. Durante a operação, esse comando deve ter a capacidade de modificar o planejamento de acordo com os resultados obtidos, devendo integrar as ações e orientar a transição de cada fase da situação de Guerra para a de Não-Guerra, a qual exige o planejamento acurado, exame de situação continuado e liderança na condução dos vetores empregados.

Assim, a FTC ou escalões menores devem planejar as Operações no Amplo Espectro de forma não linear, em princípio, buscando atender às diversas missões e tarefas que envolvem o emprego dos elementos de manobra – que variam de G Cmdo Op a unidades – de forma faseada, simultânea ou sucessiva. O acurado Exame de Situação irá desenhar a melhor forma de dispor esses elementos de manobra. Dentro desses escalões subordinados, diferente do que se previa anteriormente, será normal combinar atitudes de operações ofensivas, defensivas, de ajuda humanitária, de apoio a órgãos governamentais, em um ambiente interagências. Entretanto, a capacidade de condução dessa combinação de atitudes será ditada pelo exame de situação, no qual serão considerados todos os fatores da decisão. Como afirma Joseph Nye, "(...) nas intervenções modernas, os soldados podem ser obrigados a conduzir simultaneamente ação militar em ampla

escala, operações de manutenção da paz e ajuda humanitária dentro do espaço de três quarteiros contíguos”¹¹.

Por outro lado, não será normal que escalões do nível unidade combinem atitudes, em função de sua limitada capacidade de coordenar várias tarefas simultâneas. Normalmente, essas unidades serão empregadas enquadradas pelas GU ou G Cmdo Op em ações de combate ou como peça de manobra nas ações de apoio.

Na figura a seguir, pode-se observar um caso esquemático de uma FTC, como maior escalão em presença, em uma **Operação no Amplo Espectro**. Destaca-se nesse caso o emprego das forças militares de forma não linear, combinando atitudes simultâneas, com ações que podem ser sucessivas, à luz de um planejamento em que se busca coordenar diversos elementos de manobra: uma Divisão de Exército lançada na

conquista da localidade “B”, em atitude ofensiva; uma GU, em atitude defensiva, para manter a área portuária, devendo preparar um ponto forte para defesa daquela estrutura estratégica. Outra DE é empregada como Força de Pacificação da localidade “A”. Observam-se ainda unidades empregadas na garantia da circulação das vias de transporte, assegurando o livre trânsito de pessoas e bens. Outras operações poderiam ser realizadas simultaneamente, empregando GU disponíveis na eliminação de bolsões de resistência em atitude ofensiva.

É importante ressaltar que nesse espectro de operações, que combinam atitudes na linha do tempo e na área de operações, todas as ações visam à Defesa da Pátria, preceito constitucional que orienta o emprego das Forças Armadas brasileiras. Quando se buscam relações com outros países, por meio de reuniões regionais, intercâmbios,

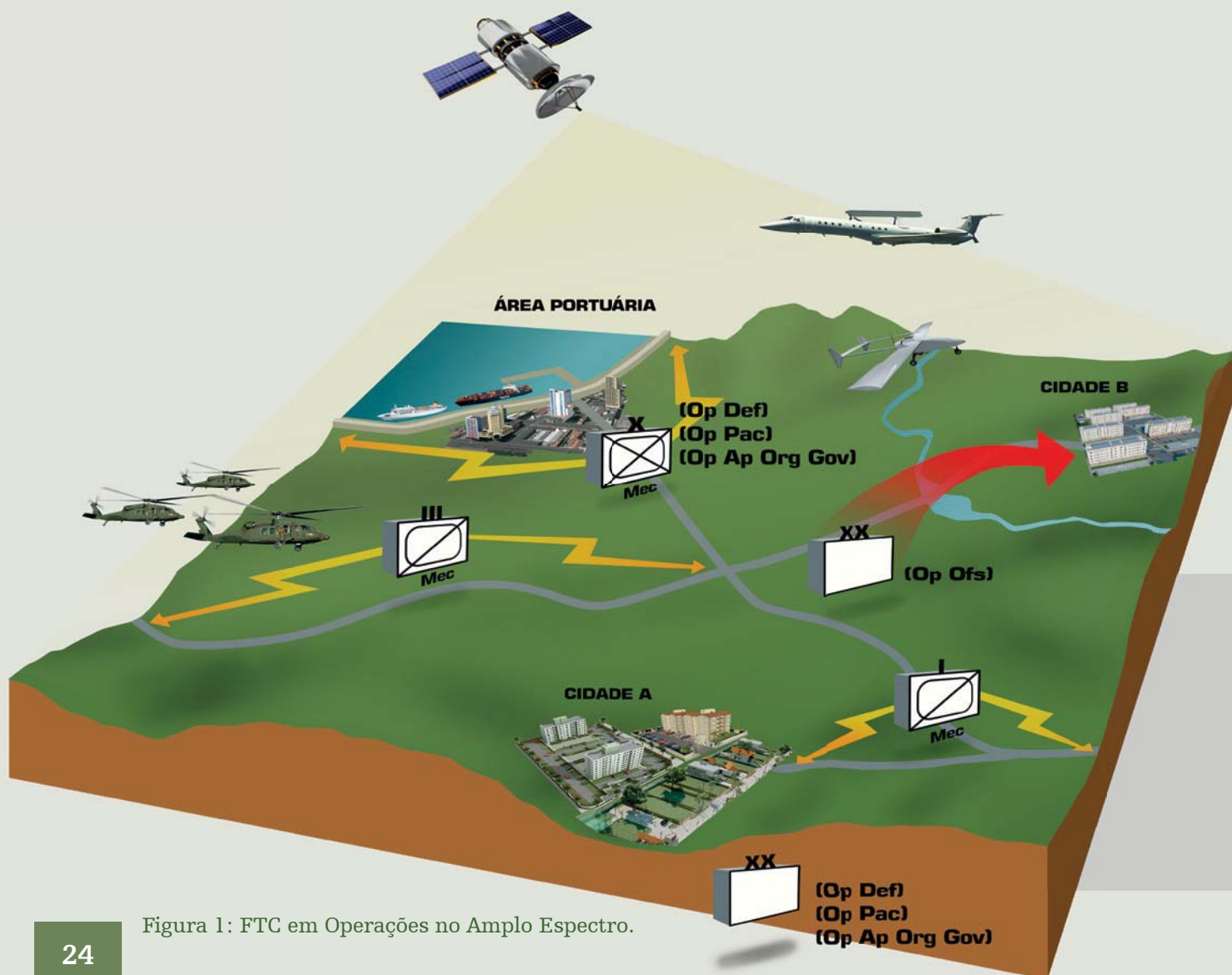


Figura 1: FTC em Operações no Amplo Espectro.

conferências bilaterais, participação em missões de paz, apoio ao desenvolvimento nacional, emprego de forças de pacificação no ambiente interno e no exterior, busca-se mostrar que somos atores com capacidades de participar da construção de um mundo mais estável e desenvolvido – isso também é Defesa da Pátria. Como também o é a disposição de meios de combate modernos com prontidão para o emprego.

A concepção das Operações no Amplo Espectro não somente atende a um largo emprego de forças militares nos atuais campos de batalha, mas exige novas competências e preparo dos comandantes e tropa. Os comandantes, por necessidade, devem ser capazes de, em um mesmo ambiente operacional, combinar atitudes em regiões do terreno não tão bem fisicamente definidas, desde o Teatro de Operações (ou Área de Operações) à Zona de Ação. Esse é o desafio para os planejadores. E mais, em cada momento o ambiente operacional pode ser alterado, exigindo, pelo seu maior dinamismo em relação aos combates lineares, cerrado acompanhamento do quadro da manobra por meio do Exame de Situação continuado.

Esse novo paradigma faz repensar o antigo modelo de análise do poder relativo de combate entre as forças em confronto. Com as novas capacidades e competências requeridas, dependendo da situação, o material de emprego militar do combate convencional pode perder espaço e peso no cômputo dessa relação de poder. Daí a importância dos conceitos de flexibilidade e

adaptabilidade dos meios, ressaltados nesse novo ambiente. Por outro lado, está claro que os meios convencionais, notadamente de artilharia e carros de combate, que decidem os conflitos, não podem ser esquecidos. “O poder militar não terá, para os estados, a mesma utilidade que tinha nos séculos XIX e XX, mas continuará sendo um componente crucial de poder na política mundial”¹².

Como se sabe, são estruturas que não são encontradas “em prateleiras para pronta entrega”, pois combinam pessoal que exige enorme esforço na capacitação e material moderno com adequada sustentabilidade (logística, respeito ao ciclo de vida do material, orçamentação, campos de treinamento, dentre outros). Somente assim, os meios necessários para operar no amplo espectro estariam assegurados. A não observância dessa premissa poderia levar uma Força Terrestre a dispor de estruturas altamente aptas a atuarem como força de pacificação e em apoio aos órgãos governamentais, mas com baixo poder dissuasório, por não dispor dos nobres instrumentos que inibem agressões e desestimulam as ameaças aos interesses vitais nacionais. Assim, dosar a aplicação dos recursos disponíveis constitui o maior desafio na geração de novas capacidades que contemplem esse ambiente.

As forças militares de um Estado podem ainda ser empregadas sob os auspícios de um Organismo Internacional, isoladas ou como parte de uma força multinacional de Estados contra grupamentos não estatais, em um ambiente de guerra civil ou insurrecional, organizados como exércitos constituídos ou de forma irregular, ou grupo de terroristas, tendo um partido político como fachada ou guerrilheiros sob a orientação de um líder local.

Para a realidade brasileira, as Operações no Amplo Espectro contemplam em sua plenitude, como concepção doutrinária, o propósito maior da existência das Forças Armadas brasileiras – a Defesa da Pátria –, pois orienta o desenvolvimento das novas capacidades e competências que se deseja para uma força em transformação. Em

***“O novo paradigma
faz repensar o
antigo modelo de
análise do poder
relativo de combate
entre as forças em
confronto...”***

TEATRO DE OPERAÇÕES/ FTC

Operações no Amplo Espectro

- Operações Ofensivas**
- Operações Defensivas**
- Operações de Pacificação**
- Operações de Apoio a Órgãos Governamentais**

outras palavras, dentro do amplo espectro, além das operações ofensivas contra um agressor e das operações defensivas diante de ameaças do espaço geográfico brasileiro, é também Defesa da Pátria dispor-se de capacidades que atendam às ações subsidiárias em apoio ao desenvolvimento nacional, passando por operações de Garantia da Lei e da Ordem, isto é, de estabilização, e pela proteção de estruturas estratégicas nacionais.

Esta é a percepção de um novo cenário onde se podem empregar meios de combate em resposta à atual demanda de utilização do vetor militar. Ressaltam-se ainda, neste ambiente, a presença de novas ameaças, a importância da tropa como força de estabilização e a opinião pública como objetivo estratégico a ser conquistado, tudo com o emprego de novas capacidades.

CONCLUSÃO

Segundo a teoria das revoluções científicas de Thomas Kuhn, a mudança dá-se quando uma anomalia consegue finalmente subverter as tradições de prática científica existente¹³. Nesse caso, em se tratando de evolução doutrinária, percebem-se, como anomalia, os novos cenários de combate, o que nos remete a um novo paradigma na forma de empregar as forças militares. Portanto é necessário repensar os combates unicamente lineares, as estruturas anacrônicas, pesadas, dispendiosas e de reduzida eficácia, que contemplam um campo de batalha com baixa probabilidade de ocorrência.

Por ser necessária a disposição de capacidades que atendam a um amplo espectro de cenários que possa ocorrer, simultânea ou sucessivamente, não se pode prescindir da capacidade de desdobrar meios para emprego em massa, com possibilidades de decidir uma batalha, destruindo o inimigo que venha a se concentrar. O desafio que permanece é como dosar o esforço e recursos de toda ordem



Foto: Arquivos CCOMSEX

Uma guarnição prepara o radar SABER M60.

de forma adequada às novas capacidades tão requeridas pelos novos cenários.

A imprevisibilidade dos conflitos, característica marcante deste novo ambiente, tem requerido tropas altamente adestradas e motivadas, com mobilidade tática e estratégica, relativa proteção blindada, com poder de fogo capaz de operar em um amplo espectro de ameaças, porém de forma seletiva. Para isso, há que se romper com os antigos paradigmas construídos ao longo dos conflitos que marcaram o século XX.

A Guerra mudou. Isto é fato. É necessário priorizar o desenvolvimento de estruturas flexíveis, adaptáveis, elásticas e modulares que permitam dar a resposta adequada às ameaças que atentem contra os interesses vitais nacionais e riquezas naturais herdadas de nossos antepassados. A atual geração tem o dever de buscar alternativas para preparar a Força Terrestre, de forma inovadora, mas responsável, com o propósito de se dispor de meios que serão motivo de orgulho para os mais velhos e entusiasmo para os mais jovens.

NOTAS

1. Joseph S. Nye Jr., "O Futuro do Poder – São Paulo: Benvirá, 2012, p. 65.
2. Espaço de Batalha: é a dimensão física e virtual onde ocorrem e repercutem os combates, abrangendo as expressões política, econômica, militar, tecnológica e psicossocial do poder, que interagem entre si e entre os beligerantes. O Campo de Batalha está incluído no Espaço de Batalha.
3. Sociedade pós-industrial. Daniel Bell, autor, entre outros, de *The Coming of Post-Industrial Society*, (1973), In *Infopédia [Em linha]*. Porto: Porto Editora, 2003-2013. [Consulta. 2013-01-05].
4. Sir Rupert Smith, *Utilidade da Força: A Arte da Guerra no Mundo Moderno*, Edições 70.
5. *Ibid.*
6. FM 3-0, *Army Field Manual: Operations (Feb-2008) – Exército dos EUA*.
7. *Ibid.* As operações de estabilização são entendidas como um conjunto de medidas a serem implementadas pelas forças militares, ou por especialistas, apoiados por forças militares, com a finalidade de influenciar o ambiente operacional nas dimensões políticas e psicossociais, mitigando as ameaças contra a estabilidade local, por meio da combinação de ações coercitivas, políticas governamentais de apoio ao desenvolvimento regional e ações típicas do tempo de paz, em resposta à crise instalada. A estabilização, promovida pelas forças militares em presença, visa a, principalmente, criar as condições necessárias para a prosperidade socioeconômica local, necessária ao restabelecimento da paz.
8. FM 3-0, *Army Field Manual: Operations (Feb-2008) – Exército dos EUA*. As Operações de Apoio, visam a empregar as forças do Exército no apoio às autoridades civis, estrangeiras ou nacionais, que se preparam para ou respondem às crises e tem por objetivo aliviar o sofrimento de populações atingidas por sinistros, desastres naturais ou deslocados de áreas de conflitos.
9. Conjunto de ações realizadas pela Força Terrestre em apoio aos órgãos governamentais em cooperação ao desenvolvimento nacional e o bem-estar social.
10. Conforme prescreve o *Manual de Campanha C 100-5-Operações*, 3ª Edição – 1997 nos seus capítulos 5 e 6.
11. Joseph S. Nye Jr., "O Futuro do Poder – São Paulo: Benvirá, 2012, p. 74
12. *ibid.*, p. 77.
13. *As Ideias da Ciência: As mudanças de paradigmas* www.oocities.org/~esabio/paradigmas.htm [Consulta. 2013-01-05].